coleção
PENSAMENTO AMAZÔNICO
Série André Araújo - v.9

Fantasias de bizâncio e outros poemas

Newton Sabbá Guimarães

FANTASIAS DE BIZÂNCIO
E
OUTROS POEMAS

DIRETORIA DA ALL – BIÊNIO 2012/2013

PRESIDENTE
Arlindo Augusto dos Santos Porto

VICE-PRESIDENTE
Almir Diniz de Carvalho

SECRETÁRIO-GERAL
Cláudio do Carmo Chaves

SECRETÁRIO-GERAL ADJUNTO
Armando Andrade de Menezes

TESOUREIRO
Abrahim Sena Baze

TESOUREIRO-ADJUNTO
Mário Ypiranga Monteiro Neto

DIRETOR DE PATRIMÔNIO
Moacir Couto de Andrade

DIRETORA DE EVENTOS
Carmen Novoa Silva

DIRETOR DE EDIÇÕES
Marcus Luiz Barroso Barros

ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS
Avenida Ramos Ferreira, 1.009
Cep 69010-120
Centro Manaus – AM

JOSÉ MELO
Governador do Amazonas

HENRIQUE OLIVEIRA
Vice-Governador do Amazonas

ROBÉRIO BRAGA
Secretário de Estado de Cultura

ELIZABETH CANTANHEDE
MIMOSA PAIVA
Secretárias Executivas

ANTÔNIO AUSIER RAMOS
Diretor do Departamento de Literatura

KARLA COLARES
JAIR JACQMONT
Assessores de Marketing

Secretaria de
Estado de Cultura

Av. Sete de Setembro, 1546
69005-141 – Manaus-AM-Brasil
Tels.: (92) 3633-2850 / 3633-3041 / 3633-1367
Fax.: (92) 3233-9973
E-mail: cultura@culturamazonas.am.gov.br
culturamazonas.am.gov.br

Newton Sabbá Guimarães

Fantasias de bizâncio e outros poemas

EDITOR RESPONSÁVEL Marcus Barros

COMISSÃO EDITORIAL Lafayette Carneiro Vieira
Rosa Mendonça de Brito
Armando Andrade de Menezes
Luiz Maximiano Corrêa

COORDENAÇÃO EDITORIAL Jeordane Oliveira de Andrade

CAPA E PROJETO GRÁFICO Academia Amazonense de Letras

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA Gráfica Moderna

REVISÃO Sergio Luiz Pereira

NORMALIZAÇÃO Ediana Palma

PROJETO EDITORIAL - VERSÃO ELETRÔNICA Luiz Felipe | Karla Colares

---

O48r Guimarães, Newton Sabbá.

Fantasias de bizâncio e outros poemas. / Newton Sabbá Guimarães. – Manaus: Academia Amazonense de Letras. 2.ª edição /Governo do Estado do Amazonas – Secretaria de Estado de Cultura, 2013.

48p. ; 15x21cm.

ISBN 978-85-64218-xxx

1. Literatura Brasileira. 2. Poemas. 3. Amazonas. I. Título.

CDD 869.1
CDU 821.134.3(81)-1

"A contação de histórias é das mais antigas tradições que se tem notícia entre os povos. Ela serve para repassar conhecimento, trocar experiências e perpetuar culturas. Antes mesmo do homem desenvolver a escrita, a oralidade já servia para ilustrar o dia-a-dia, recordar o passado e dar asas à imaginação. Os livros, portanto, são a concretização dessa tradicional arte de disseminar o saber. Daí a importância da leitura para o povo. Porque só o conhecimento liberta, nos faz crescer e nos faz acreditar em um mundo melhor."

José Melo
Governador do Amazonas

Como se explicam bizantinices...

Vinte e dois anos depois

RETOMO este opúsculo vinte e dois anos depois para algumas correções atendendo ao pedido da nova diretoria da Academia Amazonense de Letras, que mo prometeu publicar. E lembro-me, agora, como foi que surgiu a idéia de escrever um poema sobre a figura austera e sofrida de um soldado do passado. Vi sempre o soldado como alguém superior pela coragem, pelo amor da pátria, pela lealdade para com os chefes e ao ler o opúsculo de J. Vacareza, **Como se salvó la cultura latina**, que mais tarde viria a traduzir, impressionaram-me as palavras que o historiador teve a respeito do General Belisário, aquele que não traía o seu Imperador, apesar de por este traído e usado. Era um homem de fibra, como existem poucos. Por associação de idéias, pensei no velho Duque de Caxias, um dos maiores brasileiros de todos os tempos. Também aproximei Belisário, indo aos tempos mais recuados, das figuras do Judaísmo clássico, Melech David e o seu devotado General Urias, o heteu, ao qual traiu, levado pela concupiscência. O que não faz o desejo da carne da mulher? "Mas o que David fizera foi desagradável aos olhos do Senhor"[1], diz, com severidade, o cronista. Condoí-me de Belisário. Um forte e um fraco, gigante e polichinelo. Se nos campos de batalha, era só valor, coragem e vitórias, na intimidade arrastou vida difícil, infeliz mesmo: casado com uma meretriz de extraordinária beleza, ela fazia com o bravo general o que bem lhe parecia. E ele amargou assim muitos maus momentos pela inconseqüência dessa mulher fria, pervertida e amoral. Perdoava-a

---

1 **Velho Testamento.** Reis – II, cap.11, 26/27.

sempre. E ainda tinha a ingenuidade de considerá-la um anjo levado por uma paixão insensata pela belíssima prostituta, que mesmo sob as vestes da dama rica e mulher do mais valente e poderoso soldado daqueles dias, não deixava de ser prostituta. Depois, o seu príncipe, a quem entregara a vida e a espada, era inseguro e cheio de suspeitas, *lui-même* dominado pela bela Teodora, amiga íntima e outrora companheira de noitadas de Antonina, a de Belisário, cometeu injustiças contra o seu braço direito armado. O fim de Belisário tem algo de tragédia grega, ou shakesperiana: arrancam-lhe os olhos e, já velho, doente, sai a esmolar a comida pelas ruas e nas ruas morre, abandonado, pior do que um cão sarnento, ele que sustentara, quando jovem, com o seu braço forte, o Império. A sua história, das mais tristes que conheço no estranho mundo bizantino, serve de lição aos homens. E mais ainda me comove saber que jamais se deixou corromper, mesmo quando inimigos do seu amado Imperador o quiserem para o seu lado. Chegam-me à memória as palavras de Fabricius, belamente narradas por esse Lhomond[2], que tanto li na minha adolescência no seu belo, belíssimo **Viris Illustribus urbis Romæ a Romulo ad Augustum**. Quanta nobreza nestas palavras: "*Si me virum bonum judicas, cur me vis corrumpere? Sin vero malum, cur me ambis?*" Palavras eternas a serem meditadas especialmente por aqueles que pretendem dirigir o Estado.

2 V. **Viris Illustribus urbis Romæ, a Romulo ad Augustum**, auctore Lhomond. Editione hanc novam historicis, mythologicis et geographicis notis necnon proprio dictionario adornavit J-I. Roquete. Paris/Lisboa/Rio de Janeiro/S. Paulo/ Belo Horizonte: Aillaud, Alves & Cia. – Paulo de Azevedo & Cia., 1921. Cap. XXVIII, págs. 45.

A história de um título

Fiquei dias a pensar no assunto e procurei ler outras obras sobre o Império do Oriente. E lá está Belisário, generoso e nobre, fiel e desgraçado, como ele só, que outro não conheço tão desgraçado. E assim nasceu o livro, em sua primeira parte. Poderia chamar-se apenas **Belisário** e estaria bem posto o título. Sempre me pareceu muito difícil arranjar um bom título para um livro. Mas se perpassa em cada verso a sua figura trágica, nem todos os poemas são <u>apenas</u> para ele. Tocam de perto aquele mundo estranho e requintado mas, também, estranhamente brutal e cruel, sob o peso da Igreja, uma Igreja que já mostrava o que seria nos séculos a seguir: misturando-se às coisas do Estado, exercendo influência muita vez nefasta no ânimo dos governantes e das gentes. Pensei então: São bizantinices isso. E assim veio o título: **Fantasias de Bizâncio e Outros Poemas**, mesmo que se pareça o seu tanto com os enredos do Carnaval carioca. Que se pode fazer? A grande história, aquela que se escreve com H maiúsculo, tem o seu tanto de Carnaval, também com C maiúsculo.

Os versos latinos foram extraídos todos de um livrinho que, faz mais de vinte anos, me acompanha, **Cornelii Nepotis Opera quae supersunt**, especialmente em **De Vita Excellentium Imperatorum**: se o latim é primoroso, as suas observações são de uma atualidade impressionante que se diria ter sido ele o primeiro biógrafo psicólogo, esse Cornélio Nepote. Com uma frase, uma linha ou duas, traça o perfil psicológico de um grande do passado. Nada lhe escapa. Cornélio Nepote abarca o que há de mais importante na sociedade que descreve e nos homens de valor que biografa. Às vezes, um nadinha de que se lembra da vida estudada e lá temos um perfil magnífico em poucas linhas. Imagino que grande romancista não seria ele, se vivesse nos

nossos dias. E não se lhe pode mudar uma linha ou sequer uma palavra se não quisermos destruir-lhe o pensamento.

A segunda parte leva os poemas intimistas, escritos em diversas ocasiões, e não têm o que se possa sobre eles dizer, a não ser o que se diz comumente sobre um poema intimista e lírico: brotou assim nem sei como, a inspiração veio na hora e lá estava no papel. Quem conseguiu jamais explicar o nascer do poema? Incluo-a no opúsculo por um motivo muito especial: meu filho mais velho, Isaac, havia chegado de Israel, onde estudara e quis ver o que na sua ausência eu escrevera. Entre outras páginas escritas naqueles dias, havia uma que particularmente lhe agradou: *Die blonde Dienerin*. Pediu-me que a lesse em voz alta e teve a bondade de achar um bom poema. Em homenagem ao meu filho, deixo-a aqui. Talvez não valha nada, mas um dia recebeu elogios de quem teve sempre excelente educação e senso crítico dos mais apurados.

Há algumas citações latinas, surrupiadas das **Bucólicas**. Virgílio encanta-me pela beleza e pureza do seu latim e acho que encanta a todos os que, um dia, tiveram o privilégio de aprendê-lo. Nem devia dizer quem são os autores dos versos furtados para forçar o leitor – se houver! – a uma viagem muito longa no tempo e no espaço. O intertexto força a isto... É requinte literário e, como tal, a ser apreciado pelos que sentem o que existe por detrás da obra requintadamente pensada. E há, ainda, versos do poeta maior de **Sagesse**, e do equatoriano, quase desconhecido entre nós, Rafael Díaz Ycaza.

Eis o que são as **Fantasias de Bizâncio**, um pouco de bizantinice!

Córrego Grande/Irati,
Primavera de 1990/Primavera de 2012.

"Quantas vezes, vou só, por um caminho adiante,
A meditar nas cousas.
E meditando, eu torno-me distante
Das suas aparências mentirosas".

Teixeira de Pascoais *in* **Sempre**

SUMÁRIO

1ª parte

Cum tanto flagitio

– A agonia de Gelimero, o vândalo – Êxtase de Belisário – O arrependimento de Justiniano: cum tanto flagitio – A Imperatriz Teodora – A morte de Belisário – A expiação de Justiniano – A lealdade de Belisário – Après la bataille –

A agonia de Gelimero, o vândalo

Oculto nas adustas montanhas da Numídia,
vaga, faminto e roto, Gelimero, o vândalo,
dos vândalos feros e destemidos, o último rei.
Fara, o lugar-tenente de Belisário, general
de muitas vitórias para o Império e filho escolhido
de Marte e da deusa Fortuna, a descobri-lo vem.
E move-se à piedade. "Que se entregue e Belisário,
o justo, lhe poupará a vida, e aos seus leais súditos,
que antes morrer a seu lado que a abandoná-lo
preferido tinham quando o rei, sem trono nem cetro,
de Cartago em chamas e pilhada, fugira, incita-o Fara.

Mas quem das guerras as vicissitudes viveu e a morte
frente a frente tantas vezes sem medo enfrentou,
e a corrente do jugo tantas vezes recusaria, as grilhetas
de nova servidão não aceitaria, que morrer era melhor.
Que não, que *nunquam is*, o cortejo do vitorioso comporia
e a viver entre as alimárias, que não humilham se vencem,
seria preferível a servir o general *a quo erat violatus*.[3*]

Contudo fala a fome mais alto que a dignidade
e o rei dos vândalos decaído a Fara uma mensagem manda
em que com o sangue implora uma harpa, na qual
tanger pudesse à ignara e cega Sorte, essa adversa fortuna,
um canto de dor e mágoa por sua veleidade e mutabilidade;
uma esponja com a qual em segredo pudesse secar as lágrimas;
e um pedaço de pão que a agra fome lhe matasse.

3 * Cornélio Nepote.

In hac fuga Numidiae, deixava Zama acolhedora
e cálida, para rasgar os pés nas penedias, disputando
aos escorpiões, às cobras e às bestas a sombra do olvido,
mas entregar o pescoço aos grilhões imperiais, mil vezes
não.

Hoc responso cognito, Fara a harpa, a esponja e o pão
lhe faz entregar com os cumprimentos à dor do vencido.
E o que não lograra a fome fazer, nem o conseguiram
o longo cerco e as ameaças, o frio e as intempéries,
nem a distante potestate do divo Justiniano,
conseguiu-o o gesto piedoso de Fara, *ei rei sunt indicio*,
a pressa e a docilidade com que Gelimero e os seus
às vitoriosas tendas castrenses as armas e as ambições de-
põem,
escondendo as lágrimas na poalha que o tropel dos cavalos
alevanta.

E Gelimero, o vândalo rei derrotado, e Fara, o vitorioso
ipsi sunt congressi, olhando-se de frente, triste um,
adolorato o outro *in eumdem locum*, sem ódio
nem mágoa, estreitaram-se ao peito e tocaram-se as mãos,
sem quebrantos e sem humilhações, sem vencidos nem
vencedores
como ante *aliquot dies*, mas simplesmente como Homens,
e uma página mais bela e mais corajosa que todas se escre-
ve...

Florianópolis,
23 de setembro de 1990.

O êxtase de Belisário

Não era a ambição das grandes coisas conquistadas,
nem o poder que tudo encobre, aspira e espalha,
o que impelia o gládio invicto de Belisário,
de vitória em vitória alargando as terras do Império do Oriente;
nem a cupidez dos tesouros e botins arrancados aos *βάρβαροι*,
ou a lascívia que os belos corpos das mulheres vândalas despertava.
Nesse *infinitum bellum* de tantas guerras interiores,
Belisário, o general dos generais, vencedor de Gelimero,
fiel ao Trono e ao seu Divo Imperador,
somente queria depondo aos pés de Justiniano a coroa de glória,
ajoelhar-se ante a bela Teodora, luxuriosa e santa,
Imperatriz de tantas habilidades e da Beleza suprema,
liceret impune facere, beijando a sombra que adorava
e, sem uma palavra, sem um gesto, envolvê-la no êxtase do seu olhar!

Florianópolis,
23 de setembro de 1990.

O arrependimento de Justiniano
Cum tanto flagitio

Temeroso das glórias de Belisário, Justiniano o Imperador,
leitor das páginas sangrentas, e de traições, do Livro da História
que enumerava a decadência do Império e do homem,
pensou mandar assassinar aquele que às suas plantas,
humilde e leal, as vitórias e conquistas lhe depunha.
De volta das empoeiradas costas da África do Norte,
marcha a pé o Senhor da Espada Invencível até ao trono
e inclinando-se, sem sequer sacudir a sujeira das batalhas,
ante Justiniano, *magnus Imperator*, apenas alteia a voz
e penetra-o com a seta ígnea da sua palavra intemerata:
– "São vossas as glórias, Senhor meu, vossas as novas terras,
o alargamento do Império, os mares e tantas montanhas.
Sou apenas o instrumento mesquinho de vossa vontade e poder.
sois o arco que, reteso, lança a frecha até ao alvo distante." –
Calou o general Belisário *et erat autem summa suavitas oris*
quando levemente a cabeça segue para o Imperial par.
– "Levanta-te, Belisário *et ambula* se quiseres, mas antes
senta-te entre Nós ambos e perdoa ao Teu Imperador
os pensamentos ruins que lhe pululavam pelo coração.
És a glória do vasto Império do Oriente e o braço armado de Justiniano,
general dos justos, ouvi as tuas queixas e as setas atiradas
tanta *constantia vocis atque vultus* contra mim.
Recebo-as e penitencio-me, secando o teu suor e as tuas lágrimas,
e misturando-me ao pó das tuas roupas,
que assim o manda a Justiça que governa o meu Nome
e se estende pelo Meu braço às terras do Império,

a Justiça que Me manda sentar-te ao Nosso lado em todo teu esplendor.

E mais tarde os que escreverem dirão também
que nos dias de Justiniano, o pastor Upranda,
que veio das paragens da Taurésia entre a Trácia e a Ilíria,
para restaurar a grandeza de Constantinopla, a eterna,
os mais recônditos refolhos da alma dos soberanos
ficavam despidos à vista de todos no *Mea Culpa*
de todas as vidas, como agora Te falo esta fala
et non potentia, sed jure, respublica administrabatur,"
e, aproximando-se de Belisário, erguendo o vulto imponen-
te,
tomou-lhe as mãos ambas e, delicadamente, sentou-o junto ao trono!

Florianópolis,
23 de setembro de 1990.

A Imperatriz Teodora

Pôs a lascívia e uma beleza que avassalava
a serviço da mais desmedida ambição
e dos leitos dos alcouces bem freqüentados
Teodora renascia, uma vez mais, das ondas
de outros Chipres ao colocar máscaras
e representar a pantomima de todas as noites.
Procópio na severidade de sua **Menagiana**,
imagina-a saída das mais sujas das sujas
páginas da Decadência, bacante e lúbrica,
para quem amor era a entrega só do corpo formoso
na busca do prazer que não se esgota e nem cansa.
Saltimbanca do amor e das alegrias da vida
"la vie est triomphante et l'Idéal est mort"[4*] ,
gritava a carne ardente da cipriota bela.
E quando o justo Upranda ao trono ascende,
mais uma vez renasceu das fímbrias do manto
do homem que a adora e ao inebriante odor do corpo
que o mantém fortemente acorrentado
e fez do leito um trono e sobre ele reinou, senhora.
No ódio às lembranças do passado escabroso
fez desaparecer até aquele que lá da Arábia a mãe conhecer
queria,
para que não pronunciasse o *λόγος* das entranhas,
*"car les morts sont bien morts et nous vous l'apprendrons"**.

Teodora das belas pernas, rosto de deusa,
corpo de sonho não cardíaco, florescia no Império

4 * Paul Verlaine.

que a seus pés, subjugado, conseguira ver.
E, no ateísmo de sua religiosidade, casou,
na pureza dos gestos esquecidos e para sempre recordados,
o caminho do céu pela perpetuação das máscaras.

Florianópolis,
23 de setembro de 1990.

A morte de Belisário

In memoriam: General Emílio Garrastazu Médici.

Ninguém o viu gemer: senão que o digam?
Calou-se um pouco, e respirou com força;
Era a última vez que respirava!

Gonçalves de Magalhães *in* **A Confederação dos Tamoios.**

E a ingratidão de Justiniano para com o bravo general,
contam velhas crônicas e Tzetze, o monge, confirma
ao escrever com palavras de fogo e puas nas **Quiliadas**,
o triste fim daquele que ao seu amado Imperador
com tamanha lealdade servira e a quem tudo passara:
a coragem, o gênio guerreiro, a forte espada e a devoção,
engrandecendo o Império, e os próprios ossos triturando
nos moinhos de tantas intrigas palacianas e tantas mentiras
nas teias que, obreira ardilosa, Antonina impia lhe tecia.
Já dos setenta invernos a neve de Belisário se acumulava,
nos pés cansados de tantas batalhas e no solitário coração,
cansado e magoado e já redondo, quando *pro se dicere non posset*[5*] ,
ao Soldado do Gládio Invencível torturaram e humilharam,
e arrancaram-lhe os olhos, que já não viam, *et diem obiit supremum,*
trôpego e abandonado, infeliz e só, a estender a mão
na suprema angústia, na *ἀγωνία* do corpo sem equilíbrio

5 * Cornélio Nepote.

e no pedido da esmola dolorosa que a morte lho matasse...
So tu denn also, o Gott, daβ sein ganz Geschlecht auf Erden
kein Glück habe und daβ der letzte seines Geschlechts solch ein Bösewicht
werde, wie es noch nie einen in der Welt gab[6]...

Florianópolis,
23/24 de setembro de 1990.

6 De: Nikolaj Gogol. **Phantastische Novellen.** Abende auf dem Weiler bei Dikanka. II vol. *Tagblatt-Bibliothek.* Viena; Im Globus, s/d.

A expiação de Justiniano

Entre bocejos e espirros, a Morte pálida se aproximava
caminhando pelas míseras ruelas, penetrando nos casebres
e esgueirando-se em sombras oscilantes
de porta em porta, como faz, sem jamais bater.
Na sua sanha infernal, a ninguém poupa
e nas ruas de ricos também tem o seu festim,
e ronda o palácio do divo Justiniano e espreita.
– "Deus nos guarde e proteja", dizia o Imperador
já envelhecido dos anos, das maldades e das traições,
a lembrar-se, subitamente piedoso, dos seus crimes
e boceja, olhando para a porta que se abre e fecha.
"Deus, Deus – e mira para o céu atemorizado –,
livra o meu povo tão amado e perdoa em Upranda
Justiniano, o pecador, que tanto errou e pecou
e à morte entregou o pescoço vergado de Belisário
que a meu serviço encanecera e o vigor perdera –
muito pequei, Senhor, e em pecados me arrastei,
mas livra a minha gente de tanta dor, tanta".
Preces ejus taciturna sua obstinatione depressit[7*],
e pelo teimoso silêncio a Morte continuou a enviar.
Dias e noites, semanas e meses, a Ceifadora implacável
a faina continuou por toda a vasta e corrupta Bizâncio
e, poupando Justiniano, traidor do seu nome,
mostrava-lhe, silenciosamente, por bocejos que na boca morriam,
o tamanho e peso de sua cruz que in monumento erguia,
para lembrar que sendo rei a lição aprendesse

---

7 * Cornélio Nepote.

de que reinar apenas não basta, mas com justiça sempre...

Florianópolis,
24 de setembro de 1990.

A lealdade de Belisário

Quando nos dias de Justiniano, Senhor do Império do Oriente,
mas que nem sempre aplicara o que o seu nome sugere,
dominado pela sede de poder e os laços perversos de Teodora,
a que do leito um largo trono fizera e dali reinava,
caiu Belisário em desagrado e tantas vezes foram, e seguidas,
para logo ser chamado de volta a proteger o Império
não apenas com o afiado fio de sua espada, com a lealdade
que de todos o fazia invejado quando na posição do césar se punham,
cansou um dia e prostrando-se ante o trono que ele sustentava,
mesmo com o corpo dolorido, o inverno dos anos e a poeira das quedas,
assim falou: – "Senhor, não é a ambição que me move, nem vaidade,
não é estar ao Vosso lado e ver nas sombras a beleza da Imperatriz;
também a sede de ouro não me seduz, nem glórias,
nem sequer imaginar que belos corpos jovens das bizantinas
pudessem aquecer os frios do combalido corpo do soldado,
mas saber que há uma razão para viver na vida e glória do Príncipe,
no engrandecimento do Império, na perpetuidade de um sonho
e, quando a ferrugem das idades o meu gládio consumir,
e os meus ossos em pó se tornarem, aqueles que depois vierem,

dirão que pela Vossa grandeza, Belisário amou o seu Príncipe,
defendeu a pátria e o império, foi fiel a um sonho, e só!"
Calou. Justiniano agora não mais ouvia, olhava ao longe, e os olhos
perdidos na linha do horizonte, para além do Bósforo, falavam, só eles!...

Londrina, 27 de setembro de 1990.

Après la bataille

O fragor das armas que se cruzam assassinas, emudece,
e o tropel dos cavalos enlouquecidos também passa.
Não é o estrondear dos tiros e o grave grito da vitória o que resiste,
quando decidida a batalha, o general a guerra ganha.
Para sempre fica a voar pelo ar a fina poalha sem cor,
que suja os uniformes dos soldados e mancha as almas,
e penetra pelos olhos e faz chorar e vai ao coração que estremece.

Londrina, 27 de outubro de 1990.

2ª parte

Os gestos

– Naufrágio – O que sobra – As tuas cartas azuis – Na lufada de vento – Die blonde Dienerin – Cementerio de la infancia – Os gestos – As mentiras de seda... – O grito selvagem –

Naufrágio

Quando naufragam os sonhos e toda a esperança cala,
não há grito além da boca, nem dor além dos ossos.

Londrina,
27 de setembro de 1990.

O que sobra

No momento supremo do adeus, o que ficará?
Não serão as palavras sentidas e de pura emoção,
o abraço apertado, o lenço nos olhos, as mãos que se agitam.
Será a lembrança, ai de mim, de tantas partidas, tantas,
e a máscara indecifrável de tantas voltas em vão!

Londrina,
27 de setembro de 1990.

As tuas cartas azuis

"J'aime ta lettre, plus douce que l'après-midi du Samedi".

Léopold Sédar Senghor *in* **Poèmes**

Gosto de receber as tuas cartas, gosto de entreler, alegremente,
nas tuas linhas mudas, no teu silêncio de tantos parágrafos.

Parece que de longe vêm, de muito mais longe
que de uma sonolenta cidadezinha perdida no interior paulista,
mas de uma aldeia encoquinada nas junglas da África
em que o tam-tam substitui a mensagem escrita
e o cheiro úmido das folhas e flores silvestres, o teu odor.

Parece que me chegam dessas montanhas frias do Bhutan,
ou das pusztas húngaras, ou, quem sabe, das estepes da Ucrânia.
Não dizem muito as tuas cartas do que te peço,
e são azuis como o céu de Verão e recendem a jasmins de Primavera,
e correm como cabritos pelos campos e saltam e balam,
na alegria das palavras ditas pela metade, das frases entrecortadas.

Gosto das tuas cartas, boas como café quente e fumegante,
e saborosas e familiares como o pão-com-manteiga,
a mesa posta e o bondoso ofertório materno "a mesa está servida!",
ou o abraço do amigo, há tanto tempo não visto e o seu generoso

e puro "então, como vais?" ou o "quem é vivo sempre aparece..."

Elas me trazem tantas coisas boas no medo da sua confissão,
nas suas promessas que não se cumprem jamais
e na sugestão de tantas saudades sufocadas.
Ah, esse gosto de amoras silvestres que me fica na boca
depois de ler as tuas cartas azuis nesta tarde de Primavera
do Sul!

Florianópolis, 29 de setembro de 1990.

Na lufada de vento

Na lufada do vento frio que vem do Sul,
nesta silenciosa tarde de Primavera,
chega-me a tua mensagem de amor e de saudade.
Não estás bem, trabalhas muito e te sentes vazia,
e que só agora, nestas mal traçadas linhas,
podes mandar as tuas notícias tão ansiadas.
E penso no mantuano, penso, e que o seu grito de dor
"Nihil mea carmina curas?"[8*] e que sem resposta ficou.
– Que quase sempre tudo sem resposta fica, tudo. –
Mas lamentar-me não posso mais, nem gemer
*"despectus tibi sum, nec qui sim quaeris"**,
sem pensar que, no teu mundo, onde a preocupação
não entra, nem as dores não visitaram ainda,
lembras-te de mim e, na voz do minuano,
mandaste o guizalhar do teu riso farto e a voz quente
do teu espontâneo "gosto de ti e penso muito
em ti nesta tarde de frio e vento e escrevo
para matar as saudades, que também são muitas".
*"Numquam hodie effugies"** e pinto o teu rosto e retrato-o
no assobio do vento nas janelas e nos versos
que faço, também com saudades, para mandar-te...

Florianópolis,
29 de setembro de 1990.

---

8 [*] Virgílio.

Die blonde Dienerin

"Erfrische dich, Freundin
An dem Wasser aus dem Kupferkessel mit den Eisstücken".

Bertolt Brecht *in* **Gedichte und Lieder.**

Obscura adolescente, que despertas para o Amor
e me ofereces as primícias do teu sorriso e o teu adeus
apressado e tímido da janela por onde passas
duas, três, muitas vezes, beijando o ar,
com os cabelos de ouro que revoltos são a bandeira
que tremula ao meu olhar de desejo e solidão.
Vislumbro sob a blusa atrevida os teus seios jovens e salientes
e subo à boquinha maliciosa no beijo que me mandas
e colho uma vez mais e, ainda, o teu sorriso e o convite generoso
que fazes ao começo deste doloroso Outono que me entristece.
Ah, se pudesse outra vez falar de Amor e Sonhos e de Descobertas
que preenchessem tantos dias findos e esquecidos,
"niña de las renuncias y del sueño"[9*], que passas à janela e me perturbas,
e inventas ousados vôos pelo claro-azul-do-céu dos teus olhos azuis.
No rosado da tua pele, na cor dos olhos, a filha de um Bauer

9 * Rafael Díaz Ycaza.

que duro trabalha do nascer do sol ao cair da noite, a dura terra
lá pelos germânicos e verdes campos férteis do Vale do Itajaí,
que quando nervosa, "*ach, mein Gott!*", dizes meio a sorrir
e, disciplinada, continuas a fazer o que começado tinhas.
Ah, menina loura, *das Mädchen mit blauen Augen, schöne Dienerin*,
e finos cabelos que esvoaçam para além da janela e até mim
chegam e fazem cócegas em meu nariz e me batem no rosto
cansado e de sorriso escasso, lançando para o fundo dos anos,
as mágoas e as decepções e arrancando de entre escombros
os farrapos de tantos sonhos e os dias dos velhos dias,
e a vontade de caminhar, novamente, por esses caminhos já percorridos,
há muito esquecidos e abandonados, é bem verdade, mas não perdidos,
sob as cinzas frias de tantas fogueiras que um dia arderam,
sob as flamas dos teus cabelos revoltos, *junges Mädchen*,
que mexes de novo com o teu sorriso no meu coração que dormia...
... *an qui amant ipsi somnia fingunt!*

Florianópolis,
6 de outubro de 1990.

Cementerio de la infancia

"Maar geef – o, gij, die altijd weer mij vindt".

A. Roland Holst – **In Ballingschap.**

Renego, do fundo da minha Noite, a estrada sem traços
da Infância que se oculta no passado sob o Muro do Tempo.
E lamento o teu esconderijo sem indicações, que leio sem ler,
"en las hojas del libro que no se lee nunca"[10*],
que chamo sem ousar permitir à Palavra ousada o seu vôo alçar
com medo de sentir pela carne e ossos e nervos a cavalgada dos potros
que levantam poeira e escondem os sonhos nas sombras
desses anos todos que foram ficando para trás, para trás,
no forçado cemitério de tantas ilusões, tantas, tantas...

Florianópolis,
6 de outubro de 1990.

---

10 * Rafael Díaz Ycaza.

Os gestos

"E dá-me sonhos teus para eu brincar
Até que nasça qualquer dia
Que tu sabes qual é".

Fernando Pessoa

"A viagem foi boa e, felizmente, aqui estou",
dirás, descendo, calma, na estação,
olhando-me, quem sabe, distraída e distante,
a mim que, paciente, espero, e que espero não de agora,
nem do amanhã incerto das tuas outras chegadas,
mas de tantos anos e sonhos e ilusões e ainda sonhos,
do fundo de tantos anseios e outras esperas,
lá de dentro desta minha eternidade passageira,
até agora em que proseio estes versos, e que *"my life runs out"*,
e, *"again I tell you, I bleed, I am bound with withies"*,
e no inesperado retorno de tantos anos em mim mesmo,
interrogo, com os olhos ansiosos os teus olhos,
para decifrar a mensagem que eles escondem.
Tantas coisas poderia dizer-te também eu, também, tantas,
a modos de boas vindas, e falar do tempo
e do vento frio que sopra do Sul, e das pesadas
nuvens no céu, ou mesmo da poeira na estrada,
essas mil pequeninas coisas que nada significam
e que, tímidos, costumamos dizer-nos como saída
preenchendo os silêncios angustiantes dos momentos,
em que melhor seria deixar o silêncio agir e vagar
por entre pedras e despenhadeiros e *canyons* do nosso ser,
à procura do poço infindo do nosso ouvido

mas *vana verba* sobre a palavra sozinha são vãs e nada valem,
ou valem apenas nos sons que se produzem na garganta,
e que nos fogem pelo negro túnel da boca,
em fútil jogo, brinquedo que se joga e se larga pelos cantos.
Espancar as sombras que caem ou acender uma luz que brilhe,
arriscar suave nos lábios um sorriso, sacudir as mãos
como ondas inquietas em gesto de carinho ou de saudades,
é fazer falar o silêncio, é dar à palavra,
nem sempre da boca saída, a força do *λόγος* e um destino.
Mas quando saberemos, querida, falar assim
Sem precisarmos da mensagem do ruído convencional,
Quando saberei eu, ou quando saberás tu, o bastante,
Para dizermos: – "É chegado o tempo exato,
Ama o meu coração sequer por uma hora, uma que seja,
E vai aos meus ossos, além da carne, e toma-me as fibras,
e penetra até o mais profundo de mim,
Até à essência pura de todos os meus ontems e hojes!"
...
Quero que, desta vez, a palavra não me saia da boca
E recuso-me, teimosamente, a dizer-te o já dito,
As palavras que todos dizem, apressados e perdidos,
No seu próprio correr sem fim e sem começo.
Sei que estender-te as mãos em um "Olá!" de boas vindas,
Em um gesto polido, simples e repetido e por isso mesmo já gasto,
É quase nada em meio ao turbilhão que me vai dentro.
Mas espero que possas ler a mensagem
Sem palavras vãs, impregnadas de silêncio e reticências,
No puro grito de amor e vida do meu olhar!

Florianópolis,
5/6 de agosto de 1990.

Os versos ingleses são de D. H. Lawrence,
no poema “*Under the Oak*”

As mentiras de seda...

São de veludo e seda as tuas mentiras de sempre,
e se rasgam nos punhais de aço do meu silêncio!

Florianópolis,
7 de outubro de 1990.

O grito selvagem

Falas do vazio da vida e da longa solidão do teu leito,
dessa tua grande vontade de amar, dessa visita que não te visita,
e dizes querer cantar uma canção que não ouves,
na formosura dos teus vinte e dois anos inquietos.
E tocas fundo no meu ser e queria, na aflição do presente,
na trivialidade das palavras que então jorram,
fingir uma ausência de melancolia,
para ver-te sorrir e amar e vibrar e abençoar,
o Sol fortíssimo, a morte da tua nostalgia,
no mar que espelha e reverbera em miríades de raios que aos teus olhos vão,
no grito selvagem de consolo e alegria!

Florianópolis,
7 de outubro de 1990.

E ponho fim nestas bizantinices de Primavera com versos de César Vallejo, que cantou outras bizantinices:

"Si he cantado mucho, he llorado más
por ti oh mi parábola excelsa de amor!
Quédate en el seso,
y en el mito inmenso
de mi corazón!"

E, com eles, enterro Belisário e os outros que me forneceram triste matéria para estas meditações poéticas...

Et

Deo Gratias.

Fantasias de Bizâncio e Outros Poemas, mesmo que se pareça o seu tanto com os enredos do Carnaval carioca. Que se pode fazer? A grande história, aquela que se escreve com H maiúsculo, tem o seu tanto de Carnaval, também com C maiúsculo.